

“Meu nome é grande entre as nações”: As diferentes interpretações de Ml 1,11

*“My name is great among the nations”:
The different interpretations of Ml 1,11*

Fabio da Silveira Siqueira

Resumo

Ml 1,11 é considerado o texto de mais difícil interpretação no conjunto do livro do profeta Malaquias. Particularmente o segmento 11b, no qual se afirma que “incenso” e “uma oferenda pura” são apresentados a YHWH em todo lugar, enquanto no templo de Jerusalém seu nome é profanado, foi interpretado de múltiplas formas no decorrer da história. Seu sentido espiritual ou pleno emergiu da sua leitura à luz do NT, que fez com que os autores dos primeiros séculos o vissem como uma predição do culto cristão. Seu sentido literal, contudo, permaneceu como contínuo objeto de discussão. O objetivo do presente artigo é apresentar as diferentes interpretações de Ml 1,11, refletindo e ponderando sobre as afirmações dos autores. Como o sentido literal do texto permanece aberto e pode, inclusive, não ser unívoco, será apresentada uma breve reflexão sobre alguns dos seus pontos de teologia, que podem ajudar a elucidar melhor a mensagem que o profeta desejou veicular.

Palavras-chave: Profeta Malaquias. Culto. Sacerdócio. Teologia do Nome. Realeza de YHWH.

Abstract

Mal 1:11 is considered the most difficult text to interpret in the entire book of the prophet Malachi. Particularly, the segment 11b, in which it is stated that “incense” and “a pure offering” are presented to YHWH everywhere, while in the temple in Jerusalem his name is profaned, has been interpreted in multiple ways throughout the history. Its spiritual or fuller sense emerged from its reading in the light of the NT, which made the authors of the first centuries interpret it as a prediction of Christian worship. Its literal sense, however, remained an ongoing subject of discussion. The purpose of this article is to present the different interpretations of Ml 1:11, reflecting and pondering about the authors' statements. As the literal sense of the text remains open and may not even be univocal, a brief reflection on some of its theological points will be presented, which can help to better elucidate the message that the prophet wished to convey.

Keywords: Prophet Malachi. Worship. Priesthood. Name's Theology. Kingship of YHWH.

Introdução

Dentro da perícopre de Ml 1,6-14, o versículo que mais causa dissenso entre os estudiosos é, sem dúvida, o v. 11. Particularmente, a afirmação contida no segmento 11b, que justifica a crítica do profeta ao culto afirmando que em todo lugar “incenso” e uma “oferenda pura” são oferecidos ao nome de YHWH, enquanto em Jerusalém seu nome é profanado, tem recebido as mais diferentes interpretações ao longo dos séculos. Enquanto seu sentido espiritual foi prontamente compreendido pelos autores dos primeiros séculos como sendo uma predição do culto cristão, seu sentido literal é ainda objeto de discussão em estudos recentes.

O objetivo do presente artigo é apresentar as diversas interpretações que Ml 1,11 tem recebido e que podem ser elencadas em cinco categorias principais: o texto seria uma referência a alguma forma de culto prestado pelos judeus da diáspora; Ml 1,11 seria um texto escatológico, portanto, de orientação futura; o versículo deveria ser interpretado como uma metáfora; Ml 1,11 seria uma

referência ao culto pagão, que estaria sendo objeto de comparação com o culto do Templo; por fim, a interpretação cristã, que dá conta do sentido espiritual, mas não literal do texto. Além de apresentá-las, o artigo pretende oferecer uma reflexão sobre cada uma delas, ponderando seus diversos elementos.

Na primeira parte, o artigo apresenta o contexto literário de MI 1,11, com sua colocação no contexto da perícopes de 1,6-14, sua tradução e sua estrutura em correlação com o v. 14. Num segundo momento, as cinco vertentes interpretativas principais são apresentadas, sendo cada uma concluída com uma ponderação a respeito de seus diversos elementos. A terceira parte do artigo apresenta dois pontos de teologia importantes para se compreender a afirmação de MI 1,11: a teologia no nome de YHWH, que subjaz não somente ao v. 11, mas à perícopes como um todo; a imagem de YHWH como “rei”, presente nos chamados salmos reais (Sl 47; 95) e que serve como conclusão de toda a perícopes com a afirmação do v. 14 de que YHWH é “grande Rei”.

1. O contexto literário de MI 1,11

1.1. MI 1,11 no contexto de MI 1,6-14

O livro do profeta Malaquias costuma ser dividido em seis seções: 1,2-5; 1,6 – 2,9; 2,10-16; 2,17 – 3,5; 3,6-12; 3,13-21.¹ Em MI 1,1 está o título do livro e, em 3,22-24, por sua vez, encontra-se a sua conclusão, fazendo referência, segundo alguns estudiosos, aos dois primeiros *corpora* da Bíblia Hebraica: a *Torâ* e os *Nebi’im*.²

A seção de MI 1,6 – 2,9 pode ser dividida em duas partes: em 1,6-14 encontra-se a crítica do profeta aos sacerdotes pelo fato de “desprezarem” (הזב) o nome de YHWH (MI 1,6), oferecendo sobre o altar alimento profano (MI 1,7), ou seja, aquilo o que era interditado pela Lei (MI 1,8.13; Lv 22,17-25);³ em MI 2,1-9, por sua vez, a crítica centra-se na função de ensinar (MI 2,8),

¹ SCHAT, A., Malachi, p. 17; MEINHOLD, A., Maleachi, p. 7; HILL, A. E., Malachi, p. 11-43; PETERSEN, D. L., Zechariah 9-14 and Malachi, p. 165-227; KESSLER, r., Maleachi, p. 53.

² Algumas versões inglesas, influenciadas pela Vulgata, dividem o livro do profeta Malaquias em quatro capítulos, considerando 3,19-24 como 4,1-6. SIQUEIRA, F. S., A crítica profética ao culto do segundo Templo, p. 34.

³ WEYDE, K. W., Prophecy and Teaching, p. 118-122; HARTLEY, J. E., Leviticus, p. 357-363.

sendo precedida pelo anúncio, descrição e fruto do juízo de YHWH contra os sacerdotes.⁴

A primeira parte dessa seção (Ml 1,6-14) pode ser subdividida em duas partes: 1,6-11 e 1,12-14. As duas partes possuem uma estrutura similar, como pode ser verificado abaixo:⁵

Primeira subseção (Ml 1,6f-11d) ⁶	Segunda subseção (Ml 1,12a-14f)
6e: Indiciamento dos sacerdotes (Qal participio בָּזָה)	12a: Indiciamento dos sacerdotes (Piel participio חָלַל)
7d: A profanação (גָּלַל) do nome de YHWH por meio daquilo o que os sacerdotes dizem (אָמַר)	12b: A desonra (חָלַל) do nome de YHWH por meio daquilo o que os sacerdotes dizem (אָמַר)
8ab: Enumeração dos animais impróprios para o sacrifício: Cego (עִוְרִי); coxo (פֶּסֶחַ); doente (חֲלֵהּ).	13e: Enumeração dos animais impróprios para o sacrifício: Roubado (לָזוּל), coxo (פֶּסֶחַ); doente (חֲלֵהּ).
8d: Pergunta retórica: <i>YHWH se agrada de (רָצָה) disto?</i>	13g: Pergunta retórica: <i>YHWH se agrada de (רָצָה) disto?</i>
10ac: Punição para os sacerdotes	14ac: Maldição sobre todo “enganador”
11: A proclamação da grandeza do “nome de YHWH” entre as nações (בְּגוֹיִם)	14: Proclamação da “realeza de YHWH” e do “temor” que seu nome recebe “entre as nações” (בְּגוֹיִם)

As duas partes de Ml 1,6-14 convergem em seus pontos principais e chegam, então, a um mesmo ápice: a proclamação da grandeza do nome de YHWH (1,11) e de sua realeza (Ml 1,11.14). O que está dito na primeira parte

⁴ SIQUEIRA, F. S., Crise do sacerdócio e escatologia no séc. V a.C., p. 98-99; SERAFINI, F., L’Alleanza Levítica, p. 335; SMITH, R. L., Micah-Malachi, p. 318.

⁵ Para uma análise detalhada da forma do texto e sua estrutura: SIQUEIRA, F. S., A crítica profética ao culto do Segundo Templo, p. 43-52; HILL, A. E., Malachi, p. 170-221; NICACCI, A., Poetic Syntax and Interpretation of Malachi, p. 55-107.

⁶ Para a segmentação da perícopa como um todo utilizada aqui: SIQUEIRA, F. S., A crítica profética ao culto do Segundo Templo, p. 21-24.

desta “disputa profética”,⁷ aparece, assim, repetido e como que condensado na segunda parte. Um olhar atento sobre a estrutura permite perceber que, o lugar estratégico onde os vv. 11 e 14 são colocados, aponta para a necessidade de se compreender o sentido da afirmação de Ml 1,11 em conjunto com a afirmação de Ml 1,14, como será visto na terceira parte deste artigo.

1.2. Tradução e segmentação Ml 1,11

Por razões de brevidade, não será apresentada a tradução de toda a perícopo de Ml 1,6-14, mas somente do v. 11, que é o objeto de estudo deste artigo, com sua segmentação.⁸

Porque,⁹ do
nascente do sol
até o seu ocaso, 11a
grande é meu
nome entre as
nações,¹⁰

כִּי מִמְּזֶרַח-שֶׁמֶשׁ וְעַד-מְבֹאֵי
גְדֹל שְׁמִי בַגּוֹיִם

⁷ A maioria dos autores classifica não somente Ml 1,6 – 2,9, mas todas as seções, como exemplares do gênero literário que Pfeiffer chamou de “disputa profética” (*Disputationsworte*). PFEIFFER, E., *Disputationsworte im Buche Maleachi*, p. 546-568; KESSLER, R., *Maleachi*, p. 41-51; SCHAT, A., *Malachi*, p. 15-17.

⁸ Algumas notas de crítica textual acompanham a tradução. Essas foram feitas a partir do aparato crítico da Bíblia Hebraica Quinta. GELSTON, A., *The Twelve Minor Prophets*, p. 147-148.

⁹ A partícula כִּי pode ter vários sentidos no hebraico. Muilenburg chama atenção para seu uso na introdução de auto-afirmações divinas, como em Ex 20,5b e, poder-se-ia acrescentar, em Ml 1,11. MUILENBURG, J., *The linguistic and rhetorical usages of the particle כִּי in the Old Testament*, p. 137.147. A opção por traduzir a partícula com sentido demonstrativo se deu pela compreensão do gênero literário da perícopo onde ela está inserida. O v. 11 funcionaria como a justificativa para a crítica do profeta à forma como o culto vinha sendo oferecido em sua época. Para uma discussão mais detalhada do gênero literário de Ml 1,6-14 e da tradução do v. 11, especificamente: SIQUEIRA, F. S., *A crítica profética ao culto do Segundo Templo*, p. 52-56.93-100; NICCACCI, A., *Poetic Syntax and Interpretation of Malachi*, p. 61-63.77-79; HILL, A. E., *Malachi*, p. 186.

¹⁰ No segmento 11a, a Vulgata, a versão siríaca e o Targum trazem a tradução do adjetivo גדול. A LXX, por sua vez, apresenta a forma verbal δεδόξασται, que o editor da Bíblia Hebraica Quinta considera uma “tradução livre”. GELSTON, A., *The Twelve Minor Prophets*, p. 147-148. Há

e em todo lugar incenso é oferecido ao meu nome e uma oferenda pura; ¹¹	11b	וּבְכָל-מְקוֹם מִקְטֹר מִגֵּשׁ לְשְׁמִי וּמִנְחָה טְהוֹרָה
porque, grande é meu nome entre as nações,	11c	כִּי-גָדוֹל שְׁמִי בַגּוֹיִם
disse YHWH dos Exércitos. ¹²	11d	אָמַר יְהוָה צְבָאוֹת:

O v. 11 não traz grandes problemas de crítica textual. Em virtude disso, as mudanças mais significativas que ocorrem nos segmentos 11ab foram deixadas em nota de rodapé.

quem sugira que possa ser uma influência de Ml 1,6, onde se compara a “glória” (δόξα) de YHWH com a glória que é devida a um pai (δοξάζω). VIANÈS, L., *Malachie*, p. 113. Como a expressão é bem atestada tanto na tradição massorética quanto nas demais versões antigas, manteve-se o Texto Leningradense.

¹¹ A expressão מִקְטֹר מִגֵּשׁ לְשְׁמִי וּמִנְחָה טְהוֹרָה (v. 11b) recebeu, através do tempo, diversas interpretações e sugestões de mudança. Para uma discussão mais detalhada a respeito da expressão מִקְטֹר מִגֵּשׁ: HILL, A., *Malachi*, p. 188. A LXX considera a o Texto Massorético, mas traduz o particípio מִגֵּשׁ como um verbo flexionado: προσάγεται. A Vulgata traduz a expressão מִקְטֹר מִגֵּשׁ como se fossem dois verbos (*sacrificatur et offertur*). A versão siríaca, por sua vez, propõe a sentença no plural: “...they burn incense and offer to my name pure offerings”. O texto do Targum é um texto modificado por motivações teológicas, pois traz “and on every occasion when you fulfil my Will I hear your prayer and my great name is hallowed because of you”. CATHCART, K. J.; GORDON, R. P., *The Targum of the Minor Prophets*, p. 230-231. É perceptível que as alterações encontradas nas versões deram-se em vista de uma tentativa se facilitar a sintaxe do texto. Em virtude disso, pelo princípio da *lectio difficilior*, é melhor optar pelo Texto Leningradense, o qual expressa o estilo o autor do livro de Malaquias, que quis valer-se de orações nominais na construção desse versículo.

¹² Para a tradução do versículo, seguiu-se o que propõe Niccacci ao aplicar sua teoria sobre a sintaxe do verbo hebraico ao texto de Malaquias. NICCACCI, A., *Poetic Syntax and Interpretation of Malachi*, p. 55-107.

1.3. Estrutura de MI 1,11 em analogia com MI 1,14

Conforme demonstrado acima, os vv. 11 e 14 funcionam como ápice para as duas partes nas quais se pode subdividir o texto de MI 1,6-14. Em virtude disso, alguns autores em seus comentários chamam a atenção para a semelhança estrutural dos dois versículos, bem como para seus pontos de contato linguísticos e teológicos.¹³ Como isso é relevante para se compreender a teologia do texto, que será proposta na terceira parte do artigo, aqui será apresentada a estrutura de MI 1,11 em analogia com MI 1,14.

A conjunção *וְ*, com sentido demonstrativo, abre e encerra a afirmação central do versículo, uma vez que em 11d encontra-se a fórmula mensageiro. Tal afirmação diz respeito à grandeza do nome de YHWH “entre as nações”. Duas expressões de valor espacial se sucedem no início do versículo: “do nascer do sol até o seu ocaso” (11a); “em todo lugar” (11b). Conforme apresentado no esquema a seguir, os segmentos principais dos versículos se desenvolvem no esquema A – B – A’ – B’:

(A) Extensão espacial	כִּי מִמִּזְרַח-שֶׁמֶשׁ וְעַד-מְבוֹאֵי	11a
(B) Afirmação da grandeza do “Nome”	גְּדוֹל שְׁמִי בְּגוֹיִם	
(A’) Extensão espacial	וּבְכָל-מְקוֹם מִקְטָר מִגֶּשׁ לְשָׁמַי	11b
(B’) Afirmação da grandeza do “Nome”	וּמִנְתְּהָ טְהוֹרָה כִּי-גְדוֹל שְׁמִי בְּגוֹיִם	11c
Fórmula do mensageiro	אָמַר יְהוָה צְבָאוֹת:	11d

¹³ SNYMAN, S. D., Malachi, p. 80; KESSLER, R., Maleachi, p. 150.

MI 1,14, na sua primeira parte, apresenta uma maldição contra aqueles que, tendo no seu rebanho um animal macho, adequado ao sacrifício (Lv 1,3.10), oferecem a YHWH um animal estropiado, interdito pela Lei.¹⁴ Nos últimos segmentos desse versículo, contudo, podem ser notadas semelhanças estruturais, linguísticas e teológicas com MI 1,11ac:

11a	גָּדוֹל שְׁמִי בְּגוֹיִם	
11c	כִּי־גָדוֹל שְׁמִי בְּגוֹיִם	14d: כִּי מְלֶךְ גָּדוֹל אֲנִי
11a	גָּדוֹל שְׁמִי בְּגוֹיִם	
11c	כִּי־גָדוֹל שְׁמִי בְּגוֹיִם	14f: וְשְׁמִי נוֹרָא בְּגוֹיִם

Enquanto em 11ac se enfatiza a grandiosidade do “nome” de YHWH, em 14d se enfatiza a “grande realeza” de YHWH. Em 14f, por sua vez, aparece a referência ao “nome” de YHWH, do qual se diz que é temido “entre as nações”, expressão que se repete em 11ac e em 14d. As correspondências estruturais e linguísticas apontam para a teologia do texto: por detrás da crítica profética, funcionando como que sua justificativa, está a imagem de YHWH como grande rei, e a teologia do “nome de YHWH” (Dt 12).¹⁵ Em MI 1,11, a proclamação da grandeza do nome de YHWH serve como uma “inclusão”, permanecendo no centro a afirmação que causa dissenso entre os exegetas: “e em todo lugar incenso é oferecido ao meu nome e uma oferenda pura” (11b); nos segmentos 14def, por sua vez, serve como “inclusão” a afirmação da grande realeza de YHWH e de seu nome, que é “temido” entre as nações.¹⁶

¹⁴ O termo מִשְׁקָח para indicar um animal inadequado para o sacrifício é próprio de Malaquias. Ele condensa a série de animais impróprios elencada em MI 1,8.13 que se coaduna com a lista de animais interditos pela Lei contida em Lv 22,17-25.

¹⁵ SIQUEIRA, F. S., A crítica profética ao culto do Segundo Templo, p. 120-122; KESSLER, R., Maleachi, p. 150-151.160-161.

¹⁶ KESSLER, R., Maleachi, p. 160.

2. História da Interpretação de Ml 1,11

Ml 1,11 é o versículo mais controverso do livro do profeta Malaquias e, consequentemente, recebeu ao longo do tempo diversas interpretações.¹⁷ O problema gira em torno da afirmação do v. 11b, que assevera que em todo lugar é oferecido incenso a YHWH e uma “oblação pura”. Devido à dificuldade de se encontrar o verdadeiro sentido deste versículo, alguns chegaram a negar que ele pertencesse à redação original do livro.¹⁸ As principais interpretações acerca do sentido de Ml 1,11 são as seguintes:

2.1. Ml 1, 11 como uma referência ao culto prestado pelos judeus da diáspora

Alguns autores acreditam que o profeta, ao afirmar que em todo lugar é oferecido incenso a YHWH e uma oblação pura, tem em mente a presença de judeus no meio das nações e alguma forma de culto oferecido por eles a YHWH. Tal forma de interpretar o versículo se subdivide em três vertentes principais. Floyd, por exemplo, acredita que tal afirmação se refira a uma situação onde o princípio da centralização do culto em Jerusalém ainda não estaria totalmente clara para a maioria dos judeus.¹⁹ A base da sua teoria está na suposição de que a afirmação de Ez 11,16 pode ser considerada como uma evidência de que existiam templos na diáspora. Em tais supostos santuários, localizados “entre as nações” (בְּיַמֵּינֵינוּ) nas quais YHWH espalhou Israel, o culto seria aceitável a YHWH e a oferenda seria considerada “pura”.

Tal afirmação encontra dificuldades. Em primeiro lugar, a centralização do culto começou já antes do exílio, com a reforma religiosa de Josias (2Rs 23,4-9). Além disso, tanto a profecia de Ezequiel, quanto a atuação de Ageu e Zacarias, que insistem na reconstrução do Templo de Jerusalém, apontam para uma clara consciência acerca da centralização do culto. Também a peculiar interpretação de Ez 11,16 suscita questionamentos, tendo em vista que é a principal evidência que o autor apresenta para a sua teoria. Ez 11,16 não supõe a existência de “templos”

¹⁷ SNYMAN, F. D., Malachi, p. 69; REVENTLOW, H. G., Die Propheten Haggai, Sacharja und Maleachi, p. 141; KESSLER, R., Maleachi, p. 152.

¹⁸ BALDWIN, J. G., Tyndale Old testament commentaries, p. 246; ELLIGER, K., Die Propheten Nahum, Habakuk, Zephanja, Haggai, Sacharja, Maleachi, p. 195.198-199.

¹⁹ FLOYD, M., Minor Prophets, p. 595.

na diáspora, mas apenas afirma que, estando os israelitas sem Templo, YHWH mesmo “foi para eles um santuário” (שְׁהָיָה לָהֶם לְמִקְדָּשׁ).²⁰

Uma segunda vertente dessa linha interpretativa, é a que considera que MI 1,11 como referindo-se ao culto dos prosélitos. Tal interpretação foi proposta ainda no séc. XIX por von Orelli²¹ e retomada, com algumas alterações, em época mais recente, por Verhoef.²² Para von Orelli, o profeta queria estabelecer uma comparação entre os sacrifícios oferecidos pelos judeus em Jerusalém e o “sacrifício espiritual” – orações, prática da justiça – apresentado pelos prosélitos na diáspora. A crítica a tal teoria foi apresentada por Glazier-McDonald. Segundo a autora, não somente é difícil saber com exatidão algo sobre os prosélitos na época de Malaquias, como também o versículo não deixa entrever, do ponto de vista da sua terminologia, que se tem em vista uma espécie de “culto espiritual”.²³

Por fim, a terceira vertente dentro dessa grande linha interpretativa de MI 1,11 é aquela onde se afirma que MI 1,11 refere-se à espiritualização do culto, mas não realizado por prosélitos, como supunha von Orelli, mas pelos próprios judeus nas sinagogas da diáspora. Tal teoria foi sustentada, por exemplo, por Swetnam,²⁴ baseando-se na tradução que o Targum traz para MI 1,11b: *and on every occasion when you fulfil my will I hear your prayer and my great name is hallowed because of you, and your prayer is like a pure offering before me.*²⁵ Segundo Swetnam, embora não se realizassem sacrifícios na sinagoga, as orações ali realizadas, bem como o estudo da Lei, estavam em consonância com o culto do Templo. Sendo assim, o profeta Malaquias quis contrapor ao culto descuidado realizado pelos sacerdotes em Jerusalém, o sacrifício puro, ainda que espiritual – orações e estudo da Lei – realizado pelos judeus na diáspora.

A intuição de Swetnam é muito positiva. Em outros textos proféticos, fica claro que Deus rejeita o culto que não é praticado junto com a justiça ou com a observância à sua Palavra (Os 6,6; Am 8,5-6; Jr 7). O contrário também poderia ser afirmado como verídico: Deus aceita de bom grado, como se fosse

²⁰ SIQUEIRA, F. S., A crítica profética ao culto do Segundo Templo, p. 86-87.

²¹ VON ORELLI, C., The Twelve Minor Prophets, p. 389.

²² VERHOEF, P. A., The Books of Haggai and Malachi, p. 230-232.

²³ GLAZIER-McDONALD, B., Malachi: The Divine Messenger, p. 55-61.

²⁴ SWETNAM, J., Malachi 1,11: An Interpretation, p. 207.

²⁵ CATHCART, K. J.; GORDON, R. P., The Targum of the Minor Prophets, p. 230-231.

um “sacrifício espiritual”, a observância à sua Palavra, as orações sinceras e a prática da justiça. O problema com tal teoria, é que sua base é o modo como o Targum compreende e traduz Ml 1,11. Embora aceite-se que a tradição oral contida no Targum é mais antiga, sua formulação escrita geralmente é colocada numa época bem mais recente. Alguns datam o Targum Jonathan contendo o texto dos profetas menores em torno ao ano 70 d.C.²⁶ Além disso, a origem da instituição sinagoga permanece um mistério. Parece seguro afirmar que, em época helênica, as sinagogas tornaram-se mais comuns, conforme indicam inscrições egípcias do séc. III a.C.²⁷ Contudo, em épocas antigas como aquela em que é datado o profeta Malaquias, ou seja, o séc. V a.C., é difícil saber com exatidão se já existiam de modo mais organizado e qual era o seu *status*.

2.2. Ml 1, 11 como texto escatológico

Há quem considere que Ml 1,11 seja um texto escatológico. Tal teoria foi defendida, entre outros autores, por Baldwin²⁸ e Glazier-McDonald.²⁹ Tal forma de explicar o versículo surgiu pela dificuldade de se compreender na época do profeta o sentido do v. 11b. Em virtude disso, projetou-se sobre o mesmo um sentido futuro. O problema com tal teoria reside justamente na possibilidade de se traduzir o v. 11, formado por um conjunto de orações nominais, pelo futuro. Glazier-McDonald, por exemplo, embora reconheça que as orações nominais devam ser traduzidas pelo presente, afirma que o sentido é futuro em virtude da temática do versículo: a grandeza de YHWH em meio às nações, ainda não completamente realizada no presente e que, portanto, a autora define como “futurista”.³⁰ O mesmo argumento já havia sido levantado antes, por Baldwin.³¹

²⁶ CATHCART, K. J.; GORDON, R. P., *The Targum of the Minor Prophets*, p. 16-17.

²⁷ MEYERS, E. M., *Synagogue*, p. 252.

²⁸ BALDWIN, J. G., *Tyndale Old testament commentaries*, p. 248-250.

²⁹ GLAZIER-McDONALD, B., *Malachi: The Divine Messenger*, p. 60-61.

³⁰ GLAZIER-McDONALD, B., *Malachi: The Divine Messenger*, p. 61.

³¹ BALDWIN, J. G., *Tyndale Old testament commentaries*, p. 248: *The context has to be the decisive factor. But even if the future is used it has the sense 'is about to be offered', indicating that the event is near at hand and sure to happen. There is, therefore, an eschatological element in this verse.*

Tal forma de se interpretar o versículo tem sido abandonada pelos estudos mais recentes.³² Em primeiro lugar, porque o avanço no estudo da sintaxe do verbo hebraico tem ajudado a dirimir questões difíceis no que tange à temporalidade das formas verbais. Del Barco, por exemplo, em um estudo bem mais recente que os comentários de Baldwin e Glazier-McDonald, no qual aplica a metodologia da linguística textual ao estudo do verbo hebraico nos profetas pré-exílicos, afirma que o discurso preditivo normalmente é expresso pela cadeia de WeQatal, enquanto o participípio e as orações nominais, como é o caso de MI 1,11, são mais adequados para expressar o discurso descritivo.³³ Tendo em vista que o contexto antecedente de MI 1,11 traz a descrição das transgressões praticadas pelos sacerdotes no que tange à apresentação de vítimas impróprias para o culto, o que é uma situação presente, parece mais verossímil afirmar que a temporalidade de MI 1,11, que funciona como justificativa da crítica do profeta, refira-se, também, ao presente.³⁴ Também os avanços dos estudos no campo da escatologia bíblica,³⁵ onde foram individuadas as características fundamentais para se compreender um texto como escatológico, permitem perceber que não parece verossímil afirmar o caráter escatológico de MI 1,11, embora em outras partes deste livro profético, esta dimensão escatológica apareça com mais clareza.³⁶

2.3. MI 1, 11 como uma metáfora

Åke Viberg afirma que as interpretações literais não são convincentes, nem aquelas que compreendem o texto como referindo-se ao presente, nem as que admitem uma sua orientação futura. Para o autor, MI 1,11 deve ser entendido como uma metáfora.³⁷ No seu parecer, a compreensão de MI 1,11 só se dá quando o texto é lido em conexão com MI 1,14def. Tanto o segmento 11a, quando o segmento 14d são introduzidos pela conjunção וְ e ambos pretendem

³² SNYMAN, S. D., Malachi, p. 73 ; HIMBAZA, I., YHWH Seba'ot deviant le grand roi, p. 366.

³³ DEL BARCO DEL BARCO, F. J., Profecía y Sintaxis, p. 238-239.

³⁴ Assim também o entende Niccacci, que afirma que as sentenças nominais contidas em MI 1,10-11 transmitem informações no presente: NICCACCI, A., Poetic Syntax and Interpretation of Malachi, p. 77.

³⁵ LIMA, M. L. C., Salvação entre juízo, conversão e graça, p. 277-278.

³⁶ SIQUEIRA, F. S., Crise do sacerdócio e escatologia no séc. V. a.C., p. 222-223.

³⁷ VIBERG, Å., Wakening a Sleeping Metaphor, p. 298-319.

transmitir a mesma metáfora: YHWH é um grande rei. Cada um dos dois versículos transmitem a metáfora valendo-se de elementos específicos, mas que estão conectados: no v. 11 exalta-se a grandeza do “nome” de YHWH (יְהוָה אֱלֹהֵינוּ) e, no v. 14, afirma-se diretamente que Ele é um “grande rei” (מֶלֶךְ גָּדוֹל).

O autor distingue o que ele chama de “veículo” e “tópico”.³⁸ “Tópico” seria a ideia se quer transmitir que, no caso dos vv. 11.14 é o “domínio de YHWH”. Tal ideia é “veiculada” através das expressões “meu nome é grande” (v. 11ac) e “eu sou um grande rei” (v. 14d). O autor reconhece que o maior problema está no v. 11b, tendo em vista que a metáfora da realeza de YHWH é atestada nos Salmos (Sl 47,3.8.9; 95,3). Para dirimir a questão, Viberg afirma que o segmento 11b é apenas um desdobramento da metáfora apresentada nos segmentos 11ac, que procura veicular a imagem do domínio de YHWH com a imagem das oferendas puras sendo apresentadas a Ele pelas nações. Viberg compara o que acontece ao interno de MI 1,11 às parábolas de Jesus: assim como elas servem para elucidar um determinado aspecto de sua pregação, ou apresentar um comportamento a ser imitado, MI 1,11b quer, na verdade, significar que *YHWH is the great king who should be worshipped as such*.³⁹ Um ponto de destaque na teoria de Viberg é a afirmação de que MI 1,11 é melhor compreendido quando lido em conjunto com MI 1,14.

Mais recentemente, Himbaza propôs uma leitura que ele chamou de “teológica” de MI 1,11, que se aproxima da leitura metafórica de Viberg. Segundo seu parecer, com muita engenhosidade, Malaquias aproveitou-se do imaginário persa do “grande rei” e a projetou sobre o culto de YHWH. A referência de MI 1,11b não seria ao culto de outros deuses, mas ao que acontecia no palácio do grande rei na Pérsia. Para lá os povos subjugados acorriam apresentando suas oferendas. Seria *une projection de la réalité politique presente sur la manière dont le peuple de YHWH devrait lui rendre gloire*.⁴⁰ O autor procura ler o v. 11 no conjunto da perícopes e afirma que, embora YHWH seja “um grande rei” (MI 1,11), o que lhe é oferecido não seria aceito nem mesmo pelo “governador” (MI 1,8).⁴¹

³⁸ VIBERG, Å., Wakening a Sleeping Metaphor, p. 310.

³⁹ VIBERG, Å., Wakening a Sleeping Metaphor, p. 315-316.

⁴⁰ HIMBAZA, I., YHWH Seba’ot deviant le grand roi, p. 364.

⁴¹ HIMBAZA, I., YHWH Seba’ot deviant le grand roi, p. 364-365.

2.4. Ml 1, 11 como referência ao culto pagão

Um outro modo de se interpretar Ml 1,11 é compreendê-lo como uma referência ao culto pagão. Segundo Dentan, por exemplo, estando numa época em que o monoteísmo já estaria estabelecido, o profeta entenderia que o culto oferecido de bom grado pelas nações a seus deuses particulares seria, em última análise, prestado ao próprio YHWH. No seu parecer, esta seria *the most generous estimate of foreign religion to be found on the OT*.⁴² Lindblom e Lescow afirmam que Malaquias apresenta, nesse versículo, a ideia de um monoteísmo universal, surgido por influência da religião persa e do culto ao “deus do céu”.⁴³ Tal interpretação também foi dada por autores antigos, como Teodoro de Mopsuéstia (séc. IV/V) e Clemente de Alexandria (séc. II/III).⁴⁴ Há alguns autores recentes que aceitam e outros que negam tal interpretação. Kessler e Willi-Plein, por exemplo, sustentam tal interpretação de Ml 1,11, ainda que reconheçam que tal abertura universalista pareça entrar em conflito com outras afirmações do profeta.⁴⁵ Willi-Plein chega a afirmar que Ml 1,11 demonstra uma surpreendente abertura para a religiosidade dos outros povos.⁴⁶

Por outro lado, autores como Snyman e Himbaza não aceitam tal interpretação. Sua objeção parece coerente, tendo em vista que, como destaca Snyman, o texto afirma que a “oferenda pura” é apresentada ao “nome de YHWH” (v. 11b – *אֲשֶׁר* – “meu nome”). Além disso, como põe em relevo Himbaza, ainda que o monoteísmo estivesse já claramente estabelecido em Israel e se reconhecesse que YHWH é o único Deus, isso não implicaria necessariamente na compreensão de que o culto oferecido a outros deuses seria reconhecido como um culto endereçado, em última análise, ao próprio YHWH.⁴⁷ Pelo contrário, pois conforme nos testemunha o próprio AT, à medida em que o monoteísmo foi se estabelecendo em Israel, os textos que criticam o culto pagão tornam-se mais contundentes (Sl 115; 135)⁴⁸ e, quando

42 DENTAN, R. C., *The Book of Malachi*, p. 1128-1129.

43 LESCOW, T., *Das Buch Maleachi*, p. 90; LINDBLOM, J., *Prophecy in Ancient Israel*, p. 406.

44 CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *Stromata*, p. 241.

45 WILLI-PLEIN, I., *Haggai, Sacharja, Maleachi*, p. 253; KESSLER, R., *Maleachi*, p. 157.

46 WILLI-PLEIN, I., *Warum mußte der Zweite Tempel gebaut werden?*, p. 70.

47 HIMBAZA, I., *YHWH Seba’ot deviant le grand roi*, p. 365.

48 A referência satírica aos deuses como sendo “sem vida”, segundo Kraus, é fruto da influência do Dêutero-Isaías. KRAUS, H.-J., *Los Salmos*, p. 555-566.

se pensa em universalismo salvífico, a perspectiva cultural sempre apresenta os povos vindo a Jerusalém (Is 25,6-8; 66,18-21). Deve-se considerar, ainda, que Ml 1,11b não afirma que é agradável a YHWH o culto prestado pelas nações. O texto afirma que a YHWH é apresentada uma “oferenda pura”, sem precisar quem a apresenta. Na perspectiva do profeta, o culto verdadeiramente puro há de dar-se em Jerusalém, quando YHWH visitar seu Templo, purificando o sacerdócio e a oferenda por ele apresentada (Ml 2,17 – 3,5).

2.5. Ml 1, 11 como predição do culto cristão

Tal interpretação foi deixada por último, porque ela diz respeito não ao sentido literal, mas ao sentido espiritual do texto. Em textos antigos, como a Didaché e as Constituições Apostólicas, e em autores dos primeiros séculos como Justino, Ireneu, Agostinho e João Damasceno, a liturgia cristã e, particularmente, o sacrifício eucarístico, é visto como a realização do que fora profetizado por Malaquias.⁴⁹ Segundo Jerônimo, o sentido futuro de Ml 1,11 é tão evidente, que não se deve procurar explicá-lo de modo alegórico. Para ele, embora o texto profético seja construído no presente, o autor sagrado refere-se, sem dúvida alguma, aos ritos cristãos (*caeremoniis Christianorum*).⁵⁰ Tal forma de se interpretar Ml 1,11 foi amplamente acolhida na liturgia cristã, o que pode ser testemunhado pela sua presença ou, ao menos referência, em diversas anáforas eucarísticas desde os primeiros séculos.⁵¹

Conforme demonstrado até aqui, a discussão sobre o sentido literal de Ml 1,11, particularmente do segmento 11b, permanece aberta. Algumas teorias apresentam-se como mais difíceis de serem aceitas, seja pela semântica, seja pela teologia do texto, como a afirmação de que se trataria de um texto escatológico ou do sacrifício ofertado pelos pagãos, por exemplo. A ideia de uma espiritualização do culto não é de todo inverossímil, contudo, precisar que o profeta refere-se ao culto sinagoga é mais difícil, por não se ter testemunhos acerca do *status* ou mesmo da existência de sinagogas já organizadas em

⁴⁹ PADRES APOSTÓLICOS, Didaché, p. 357-358; JUSTINO DE ROMA, Diálogo com Trifão, p. 287-289; IRENEU DE LIÃO, Contra as Heresias, p. 414.419; FERREIRO, A., La Biblia Comentada por los Padres de la Iglesia, Los Doce Profetas, p. 362-363.

⁵⁰ SÃO JERÔNIMO, Comentário aos Profetas Menores, p. 760-761.

⁵¹ STEVENSON, K., Liturgy, Use of the Bible, p. 406.

período tão antigo. O sentido metafórico, particularmente como exposto por Himbaza, também parece verossímil. Contudo, não necessariamente este foi estabelecido pelo profeta a partir do contato com a religião persa. É possível que Malaquias se funde nas próprias tradições bíblicas, onde a imagem de YHWH como rei está presente nos salmos (Sl 47,3.8.9; 95,3), bem como a ideia da grandeza do seu nome pode ser uma releitura da “teologia do Nome” de YHWH como consta em Dt 12.

3. A realeza de YHWH e a “teologia do Nome” como aspectos teológicos fundamentais de MI 1,11

Na história da investigação do sentido literal de MI 1,11, destacou-se a importância de se perceber como ele funciona no conjunto da perícope e que, por isso, ele deveria ser lido em conjunto com os últimos segmentos de MI 1,14, onde semelhanças linguísticas e teológicas entre os dois versículos podem ser facilmente percebidas. Além disso, como já demonstrado acima, os dois versículos funcionam como conclusão de cada uma das duas partes nas quais se divide a seção de MI 1,6-14. Ademais, autores mais recentes chamaram a atenção para a necessidade de se perceber a teologia do texto, tendo em vista que a investigação acerca do sentido literal, embora positiva e necessária, deixa em aberto muitos questionamentos.⁵² Dois aspectos teológicos serão apresentados aqui: a “teologia do Nome” como base das afirmações de MI 1,11.14 e a imagem de YHWH como Rei, subjacente particularmente ao v. 14.

3.1. MI 1, 11 e a teologia do “Nome de YHWH”

O termo “nome” (שֵׁם) ocorre seis vezes em MI 1,6-14, referindo-se sempre ao nome de YHWH. Na abertura da perícope (MI 1,6), os sacerdotes são indiciados como aqueles que “profanam” (בִּזְוֵהוּ) o “nome” de YHWH. Em 1,11.14, por sua vez, o termo é utilizado numa acepção positiva, onde se reconhece sua “grandeza” (1,11: גְּדוּלָּהּ) entre as nações e o quanto ele é “temido/terrível” (MI 1,14: יְרֵאָהוּ). A recorrência do termo e da expressão “meu nome” em MI 1,6-14 faz com que alguns autores afirmem que toda a perícope

⁵² HIMBAZA, I., YHWH Seba’ot deviant le grand roi, p. 364-365; COGGINS, R.; HAN, J. H., Six Minor Prophets, p. 192; SIQUEIRA, F. S., A crítica profética ao culto do Segundo Templo, p. 120.

e, particularmente 1,11.14, devam ser lidos a partir da perspectiva da teologia do “nome de YHWH”.⁵³

A ideia do nome como sinal da presença da pessoa que ele representa prende-se a tradições antigas. Nas inscrições hieroglíficas egípcias, por exemplo, é comum encontrar o nome do Faraó envolvido pelo que se costuma chamar de “cartucho do nome”. Este vem encimado pelo disco solar e, em algumas ocasiões, aparece a figura de um egípcio que reverencia o “nome” do Faraó. Kessler acredita que aí esteja a origem remota da teologia do nome de YHWH como aparece em Malaquias e em alguns outros textos, como o Sl 113,3.⁵⁴ Weinfeld, por sua vez, afirma que tal teologia é própria do Deuterônomo e do deuteronomista. Neste aspecto ele é seguido por outros autores, particularmente por Martin Rose, que chega a afirmar, baseado em seus estudos de epigrafia hebraica, que a teologia do “nome de YHWH” foi parte constitutiva da reforma de Josias, tendo em vista que, daí em diante, é comum encontrar em inscrições hebraicas nomes teofóricos com componente javista.⁵⁵

Segundo Weinfeld, enquanto a tradição sacerdotal desenvolveu a teologia da “glória de YHWH” (כְבוֹד־יְהוָה),⁵⁶ o deuteronomista, por sua vez, desenvolveu a teologia do “nome de YHWH”, para significar a sua presença no Templo. Aquele que os “céus dos céus” (1Rs 8,27) não podem conter, também não está circunscrito ao Templo, embora sua presença se faça sentir, tendo em vista que ele decidiu ali colocar “seu nome” (1Rs 8,29).⁵⁷

Para a leitura de MI 1,6-14 e, particularmente, de MI 1,11, isto resulta que a própria presença de YHWH está sendo profanada pelo modo como os sacerdotes performam o culto. A afirmação do v. 11, que põe em destaque a grandeza do nome de YHWH, serve para tornar mais contundente a crítica profética. YHWH é grande para além das fronteiras de Israel (MI 1,5), mas decidiu tornar manifesta sua presença no culto. Os sacerdotes, no entanto, primeiros responsáveis por fazer resplandecer e por honrar tal “presença”, simbolizada na ideia do seu “nome”, a profanam ao invés de honrá-la. YHWH

⁵³ KESSLER, R., Maleachi, p. 154.

⁵⁴ KESSLER, R., Maleachi, p. 150-152; ROSE, M., Names of God in the OT, p. 1002-1004.

⁵⁵ ROSE, M., Names of God in the OT, p. 1003; WEINFELD, M., Deuteronomy and Deuteronomistic School, p. 192-193.

⁵⁶ Expressão utilizada, por exemplo, em Ezequiel (Ez 1,28) e no Levítico (Lv 9,23); WESTERMANN, C., כבוד, p. 1100-1113.

⁵⁷ WEINFELD, M., Deuteronomy and Deuteronomistic School, p. 192-193.206.

proclama, então, a grandeza do seu nome entre as nações, logo depois de insinuar que as portas do Templo poderiam ser fechadas (MI 1,10), a fim de que o altar não fosse aceso em vão e não fosse mais profanada sua presença grandiosa no meio dos filhos de Israel.

3.2. MI 1, 11 e a imagem de YHWH como “grande Rei”

MI 1,11 e 1,14 apresentam, já quase em seu final, afirmações bastante semelhantes:

11d: כִּי־גָדוֹל שְׁמִי בְּגוֹיִם

14d: כִּי מְלֶךְ גָּדוֹל אֲנִי

Introduzidos pela partícula כִּי, os dois segmentos afirmam a grandeza de YHWH. O adjetivo “grande” (גָּדוֹל) aparece nos dois segmentos, em 11d para referir-se à grandeza do nome de YHWH e, em 14d, por sua vez, adjetivando o substantivo “rei” (מְלֶךְ): YHWH não é apenas rei, mas é “grande Rei”. Embora o substantivo “rei” só apareça no v. 14, pode-se afirmar que a introdução de MI 1,11, com a afirmação da grandeza do nome de YHWH “do nascer do sol até o seu ocaso” já aponta para a ideologia real, tendo em vista que tal afirmação indica, em alguns Salmos, a grandeza de YHWH sobre os povos e seus deuses (Sl 50,1; 113,3). Além disso, nas Cartas de Amarna, a mesma expressão é utilizada para referir-se à figura do Faraó.⁵⁸

A imagem de YHWH como “grande rei”, no ápice da perícopie de MI 1,6-14, produz no leitor o que Willi-Plein chama de uma “iconografia mental”, tendo em vista que o texto é aberto com a imagem de YHWH como “pai” e “senhor” (v. 6), ampliando-se gradativamente para a imagem daquele que é “grande” (v. 11), um “grande rei” (v. 14).⁵⁹ A imagem da realeza de YHWH expressa no v. 14 retoma, de certo modo, a afirmação v. 8: YHWH, o “grande rei”, não poderia ser favorável aos sacerdotes que pretendem honrá-lo com aquilo que não seria aceitável nem mesmo pelo “governador” (v. 8: מְשָׁלֵט).

⁵⁸ COLLON, D.; CAZELLES, H. Les Lettres d’El-Amarna, p. 515-516: *Vois, le roi, mon seigneur, a placé so nom au Soleil levant et au Soleil couchant.*

⁵⁹ WILLI-PLEIN, I., Haggai, Sacharja, Maleachi, p. 254-255.

Para Himbaza, a afirmação de que YHWH é um grande rei é fruto da influência persa. O profeta estaria utilizando um título normalmente atribuído ao grande rei Persa (“o grande Rei”) para referir-se a YHWH, com o intuito de demonstrar que Ele, YHWH, é o verdadeiro rei, digno da mais alta atenção e de sacrifícios condizentes com a sua realeza e soberania, e não o rei persa.⁶⁰ Talvez a expressão “grande Rei” possa ser fruto da influência persa, tendo em vista que, de fato, tal título era comumente atribuído a seus reis. Contudo, a ideia da “realeza de YHWH” em si é mais antiga em Israel, sendo testemunhada, por exemplo, em alguns salmos (Sl 47; 95). Albertz afirma que tal ideia remonta à época da instituição da monarquia e da ereção de um santuário nacional.⁶¹

Conclusão

Este estudo demonstrou que o sentido literal de MI 1,11, particularmente o segmento 11b, permanece aberto. Algumas interpretações parecem verossímeis, ainda que com algumas modificações. A ideia, por exemplo, de que se trate de uma concepção mais espiritual do culto é possível, contudo sem a específica referência à liturgia sinagoga ou a uma espécie de “culto dos prosélitos”, como propuseram alguns autores, pelo fato de faltarem elementos para se afirmar isso de modo mais categórico. A possibilidade do texto ser entendido como uma metáfora, não em relação ao culto pagão, mas à política imperial persa, como propôs mais recentemente Himbaza, também parece verossímil. Contudo, enquanto a grandeza de YHWH para além de Israel é uma ideia bem atestada no AT, a ideia de uma oferenda sendo a ele apresentada fora de Jerusalém, em época pós-exílica, poderia causar uma reação negativa no interno da comunidade judaica, tendo em vista que a metáfora poderia ser compreendida com relação ao culto estrangeiro e não com relação ao modo como se procedia diante do grande rei da Pérsia, como propôs Himbaza. É difícil, pois, compreender se a metáfora seria bem compreendida por todos, como seria o desejo do profeta.

Parece, pois, mais oportuno, explorar a teologia do texto. No presente artigo, que procurou refletir principalmente sobre a história da interpretação de

⁶⁰ HIMBAZA, I., YHWH Seba’ot deviant le grand roi, p. 357.368.

⁶¹ ALBERTZ, R., Historia de la religión de Israel en tiempos del Antiguo Testamento, p. 231.242.

MI 1,11, acenou-se brevemente para dois aspectos: a teologia do “nome de YHWH” e a imagem de YHWH como rei. Um ulterior confronto entre MI 1,6-14, contexto imediato de MI 1,11, com Dt 12, 1Rs 8 e os salmos reais (Sl 47; 95) seria muito útil para que esses dois pontos de teologia fossem mais aprofundados. A elucidação de outros aspectos teológicos da perícopé, bem como sua ligação com o restante do livro de Malaquias, poderiam contribuir, também, para a sua mais plena compreensão.

Referências bibliográficas

ALBERTZ, R. **Historia de la religión de Israel en tiempos del Antiguo Testamento**. v. 1 Madrid: Trotta, 1999.

BALDWIN, J. G. **Tyndale Old testament commentaries: Haggai, Zechariah and Malachi**. Downers Grove: IVP Academic, 1972.

CATHCART, K. J.; GORDON, R. P. **The Targum of the Minor Prophets**. Collegeville: Liturgical Press, 1990.

CLEMENTE DE ALEXANDRIA. **Stromata**. v. I. Col. Sources Chrétiennes 278. Paris: Éditions Du Cerf, 1981.

COGGINS, R.; HAN, J. H. **Six Minor Prophets: Nahum, Habakkuk, Zephaniah, Haggai, Zechariah and Malachi**. Malden: Wiley-Blackwell, 2011.

COLLON, D.; CAZELLES, H. **Les Lettres d’El-Amarna**. Paris: Éditions Du Cerf, 1987.

DEL BARBO DEL BARCO, F. J. **Profecía y Sintaxis: El uso de las formas verbales en los Profetas Menores preexílicos**. Madrid: CSIC, 2003.

DENTAN, R. C. The Book of Malachi. In: BUTRICK, G. A. (Ed.). *The Interpreter’s Bible*. Nashville: Abingdon Cokerbury Press, 1951. p. 1124-1131.

ELLIGER, K. **Die Propheten Nahum, Habakuk, Zephanja, Haggai, Sacharja, Maleachi**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1982.

FERREIRO, A. **La Biblia Comentada por los Padres de la Iglesia, Los Doce Profetas**. Madrid: Ciudad Nueva, 2007.

FLOYD, M. **Minor Prophets, Part 2**. Grand Rapids: Eerdmans, 2000.

GELSTON, A. **The Twelve Minor Prophets**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2010.

GLAZIER-McDONALD, B. **Malachi**: The Divine Messenger. Atlanta Scholar Press, 1987.

HARTLEY, J. E. **Leviticus**. Grand Rapids: Zondervan, 1992.

HILL, A.; E. **Malachi**. New Haven: Yale University Press, 1998.

HIMBAZA, I. YHWH Seba'ot deviant le grand roi. **Vetus Testamentum**, v. 62, n. 3, p. 357-368, jul./set. 2012.

IRENEU DE LIÃO. **Contra as Heresias**. São Paulo: Paulus, 1995. (Coleção Patrística 4).

JUSTINO DE ROMA. **Diálogo com Trifão**. São Paulo: Paulus, 1995. (Coleção Patrística 1).

KESSLER, R. **Maleachi**. Freiburg: Herder, 2011.

KRAUS, H. J. **Los Salmos: Sal 60-150**. Salamanca: Sígueme, 1995.

LESCOW, T. **Das Buch Maleachi**. Stuttgart: Calwer Verlag, 1993.

LIMA, M. L. C. **Salvação entre juízo, conversão e graça**: A perspectiva escatológica de Os 14,2-9. Roma: Gregoriana, 1998.

LINDBLOM, J. **Prophecy in Ancient Israel**. Oxford: Blackwell, 1962.

MEINHOLD, A. **Maleachi**. Düsseldorf: Neukirchener Verlag, 2006.

MEYERS, E. M. Synagogue. In: FREEDMAN, D. N. (Ed.). **The Anchor Yale Bible Dictionary**. New Haven: Yale University Press, 2008. p. 251-260. v. 6.

MUILENBURG, J. The linguistic and rhetorical usages of the particle ׀ in the Old Testament. **Hebrew Union College**, v. 32, p. 135-160, jan./dez. 1961.

NICCACCI, A. Poetic Syntax and Interpretation of Malachi. **Liber Annuus**, v. 51, p. 55-107, jan./dez. 2001.

PADRES APOSTÓLICOS. **Didaché**. São Paulo: Paulus, 1995. (Coleção Patrística 1).

PETERSEN, D. L. **Zechariah 9-14 and Malachi**: A Commentary. Louisville: Westminster Knox Press, 1995.

PFEIFFER, E. Disputationsworte im Buche Maleachi: Ein Beitrag zur formgeschichtlichen Struktur. **Evangelische Theologie**, v. 19, p. 546-568, 1959.

REVENTLOW, H. G. **Die Propheten Haggai, Sacharja und Maleachi**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1993.

ROSE, M. Names of God in the OT. In: FREEDMAN, D. N. (Ed.). **The Anchor Yale Bible Dictionary**, v. 4, New York: Doubleday, 1992. p. 1001-1011.

SÃO JERÔNIMO. **Comentário aos Profetas Menores**. Madrid: BAC, 2003. (Obras Completas IIIb).

SCHART, A. **Malachi**. Stuttgart: Kohlhammer, 2019.

SERAFINI, F. **L'Alleanza Levitica**: Studio sulla berît di Dio con i sacerdoti leviti nell'Antico Testamento. Assisi: Cittadella Editrice, 2006.

SIQUEIRA, F. S. **A crítica profética ao culto do segundo Templo**: análise exegetica de MI 1,6-14. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2021.

SIQUEIRA, F. S. **Crise do sacerdócio e escatologia no séc. V. a.C.**: a partir da leitura de MI 2,1-9 e 2,17 – 3,5. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio; Vozes, 2021.

SMITH, R. L. **Micah-Malachi**. Nashville: Thomas Nelson, 1984.

SNYMAN, F. D. **Malachi**: Historical Commentary on the Old Testament. Leuven: Peeters, 2015.

STEVENSON, K. Liturgy, Use of the Bible. In: COGGINS, R. J.; HOULDEN, J. L. **A Dictionary of Biblical Interpretation**. London: SCM Press, 1990. p. 405-406.

SWETNAM, J. Malachi 1,11: An Interpretation. **Catholic Biblical Quarterly**, n. 31, 1969, p. 200-209.

VERHOEF, P. A. **The Books of Haggai and Malachi**. Grand Rapids: Eerdmans, 1987.

VIANÈS, L. **Malachie**. Paris: Éditions Du Cerf, 2011. (La Bible d'Alexandrie 23.12).

VIBERG, Å. Wakening a Sleeping Metaphor. **Tyndale Bulletin**, v. 45, n. 2, 1994, p. 298-319.

VON ORELLI, C. **The Twelve Minor Prophets**. Edinburgh: T & T Clark, 1893.

WEINFELD, M. **Deuteronomy and Deuteronomistic School**. Winona Lake: Eisenbrauns, 1992.

WESTERMANN, C. כַּבֵּ. In: RINGGREN, H.; FABRY, H.-J.; BOTTERWECK, G. J. (Ed.). **Theological Dictionary of the Old Testament**, v. 7, Grand Rapids: Eerdmans, 1974. p. 1089-1113.

WEYDE, K. W. **Prophecy and Teaching**. Berlin: De Gruyter, 2000.

WILLI-PLEIN, I. **Haggai, Sacharja, Maleachi**. Zürich: TVZ, 2007.

WILLI-PLEIN, I. Warum mußte der Zweite Tempel gebaut werden? In: EGO, B. (Org.). **Gemeinde ohne Tempel**. Tübingen: Mohr Siebeck, 1999. p. 57-73.

Fabio da Silveira Siqueira

Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do
Rio de Janeiro

Docente do Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do
Rio de Janeiro

Rio de Janeiro / RJ – Brasil

E-mail: fabio-siqueira@puc-rio.br

Recebido em: 02/08/2022

Enviado em: 24/10/2022